

MULHERES NA EDIÇÃO: LINA TÂMEGA PEIXOTO, EDITORA DA REVISTA LITERÁRIA *MEIA-PATACA* (1942-1943)

WOMEN IN PUBLISHING: LINA TÂMEGA PEIXOTO, PUBLISHER OF *MEIA-PATACA*, A BRAZILIAN LITERARY MAGAZINE (1942-1943)

Ana Elisa Ribeiro
CEFET/MG

Resumo: Neste artigo, com base no levantamento de Duarte (2016) sobre jornais femininos e feministas dirigidos às mulheres, no século XIX, e no levantamento, menos exaustivo, de Ribeiro e Gonçalves (2019) sobre a participação feminina em periódicos literários nas Minas Gerais do século XX, destacamos a atuação pioneira da poeta e professora Lina Tâmega Peixoto, em sua atividade como editora à frente da revista *Meia-Pataca*, produto editorial relevante para a narrativa dos movimentos literários mineiros e brasileiros do Novecentos. Buscamos, aqui, evidenciar a pioneirismo de Lina e sua efetiva participação à frente da revista, dando relevo à sua atuação em mais esta frente de trabalho, num contexto geral avesso à participação de mulheres no espaço público.

Palavras-chaves: Mulheres na Edição; Lina Tâmega Peixoto; Editora; *Meia-Pataca*; Revistas Literárias.

Abstract: *In this article, based on Duarte's book (2016) with results about Brazilian female and feminist newspapers directed to women in the 19th century, and on the less exhaustive research conducted by Ribeiro and Gonçalves (2019) about women's representation in Minas Gerais's literary magazines of the 20th century, we highlight the pioneering activity of poet and professor Lina Tâmega Peixoto, mostly in her role as a publisher in the magazine Meia-Pataca, an editorial product which is relevant to the study of Brazilian and Minas Gerais's literary movements of the 20th century. Hereby, we intend to demonstrate Peixoto's pioneering activity and her effective participation ahead of the magazine.*

Keywords: *Women in publishing; Lina Tâmega Peixoto; Publishing House; Meia-Pataca; Literary Magazine.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Embora os estudos sobre a invenção da prensa tipográfica alemã e seus desdobramentos, em várias partes do mundo, costumem tratar do *livro* como produto de um processo de publicação,

é importante lembrar que, com ela, foi estimulada e incrementada a publicação, em profusão, de folhetos, cartazes e periódicos, em especial os jornais; não como os que conhecemos hoje, mas publicações periódicas reproduzidas nessas máquinas impressionantes.

A circulação de periódicos ocorreu no Brasil, com intensidade variada e mesmo clandestinamente, desde os séculos que se seguiram ao “descobrimento”, mas foi em 1808, com a vinda da Corte Portuguesa, que a imprensa foi autorizada em nosso país, propiciando, então, a criação e a circulação de muitos jornais, revistas e livros, produzidos em solo nacional, muitas vezes pela Imprensa Régia, outras tantas por comerciantes estrangeiros, livreiros-editores, etc. Essa é uma história genérica, encontrável em vasta bibliografia sobre os inícios de nossa edição, mas o que nos interessa de perto aqui é o seguinte recorte: a produção de periódicos literários no estado de Minas Gerais, *dirigidos por mulheres*. Tal recorte¹, obviamente, filtra enormemente nossas possibilidades de encontrar um *corpus*. E nem tanto pela questão geográfica ou literária, já que Minas Gerais foi e é região prolífica em escritores e publicações, mas pelo viés de gênero, considerando-se que a vida pública das mulheres lhes foi negada ou impedida, ao menos até entrado o século XX.

Neste texto, trataremos da situação mais ampla da publicação de jornais por mulheres, nos séculos XIX e XX, em especial baseando-nos no exaustivo levantamento de Duarte (2016) para o Oitocentos e no ensaio de Ribeiro e Gonçalves (2019) sobre o século XX, quando Lina Tâmega Peixoto foi identificada como a única editora creditada num *corpus* de revistas literárias mineiras, em especial revistas que tiveram grande impacto em nossa historiografia, tal como a *Meia-Pataca*, que merece, até hoje, homenagens e reconsiderações².

MULHERES NA EDIÇÃO DE PERIÓDICOS MINEIROS, SÉCULO XX

“Formem grupos e associações, *fundem jornais e revistas*, levem de vencida os vaticínios acadêmicos, procurem as mais ilustres e felizes, com a sua influência, aviventar a campanha em bem da mulher e seus direitos no Brasil”. Tal foi a conclamação de Josephina Álvares de Azevedo, provavelmente irmã ou prima do conhecido poeta romântico, em seu jornal, *A família*, publicado em São Paulo, em 1888 (ano 1, n. especial). O destaque é nosso e serve justamente para mostrar como a editora e escritora, no século XIX, possuía nítida noção do gesto político e performativo que a edição de periódicos significava ou poderia significar (e ainda hoje), sem subdimensionar o esforço necessário para que isso ocorresse, por meio da edição.

Uma das investigações mais prolíficas que conhecemos que põe em relação a edição de periódicos e as questões de gênero é a da professora Constância Lima Duarte (UFMG), em especial

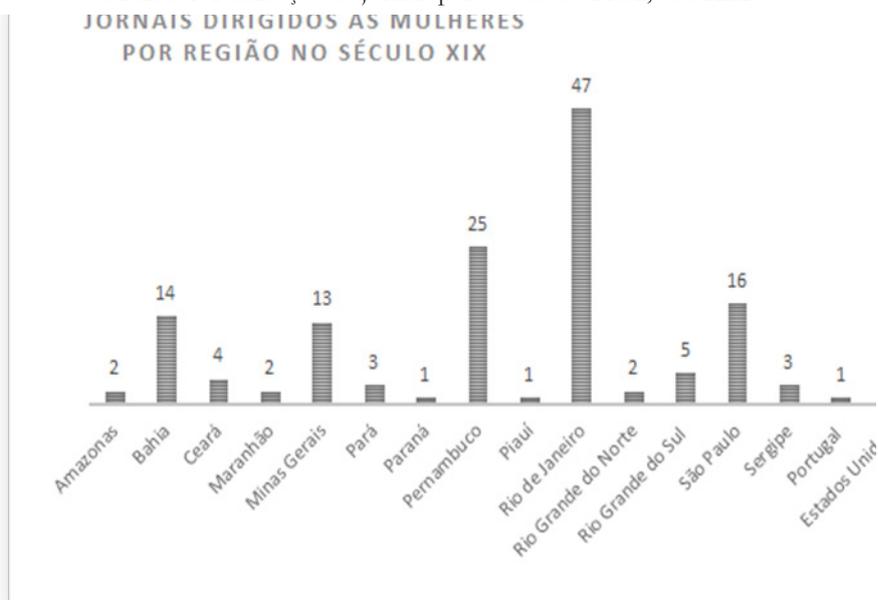
¹ Este é o recorte do projeto de pesquisa por nós desenvolvido no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, desde 2018. Agradecemos à Fapemig, projeto APQ 0002118. Agradecemos também ao pesquisador Mário Ribeiro Gonçalves, do Posling/CEFET-MG; e ao pesquisador e tradutor Sérgio Karam. Este artigo foi escrito em meados de 2020, mas hoje ganha também uma feição de homenagem. Lina Tâmega Peixoto faleceu em setembro de 2020, ainda sem ler este texto sobre seu trabalho. A ela também é justo e necessário deixar um agradecimento, tanto pela produção deste artigo, quanto por uma vida inteira dedicada à literatura. Agradecemos também aos/à parecerista deste trabalho, que demonstrou tanta admiração e respeito à Lina Peixoto e à nossa iniciativa de escrever sobre ela.

² Para um especial do *Suplemento Literário de Minas Gerais* sobre Cataguases e suas literaturas, ver: <http://www.cultura.mg.gov.br/images/2014/Suplemento/SLMG_-_Especial_Cataguases_pdf.pdf>. Acesso em: 26 maio 2020

os resultados de seu livro de 2016, *Imprensa feminina e feminista no Brasil, século XIX, Dicionário ilustrado*, em que a autora apresenta 143 periódicos (jornais e jornais/revistas) *dirigidos às leitoras*. O objetivo de Duarte (2016) foi a composição de uma espécie de catálogo, o mais completo quanto possível, de periódicos voltados às mulheres, fossem eles dirigidos por homens ou não, de cunho conservador ou mais contestador, de conteúdo político, literário ou outros. Fazendo as ressalvas necessárias quanto à dificuldade de encontrar vestígios de todas as folhas porventura existentes no século XIX, a pesquisadora nos dá uma bela oportunidade de saber sobre jornais publicados no século em que a imprensa foi permitida no Brasil, além de podermos ler partes deles e ver fac-símiles de alguns.

Tomando como base o dicionário de Duarte (2016), passamos a observar os achados da pesquisadora, colocando ainda alguns filtros: periódicos dirigidos por mulheres e de cunho literário, em Minas Gerais, um dos estados que mais produziram folhas, naquele século. Desse modo, em termos de distribuição por regiões, o que encontramos na obra de Constância Lima Duarte (2016) pode ser visualizado no gráfico 1, por nós elaborado:

Gráfico 1: Publicação de jornais por estado do Brasil, séc. XIX.



FONTE: Elaboração nossa, com base em Duarte (2016).

Capital do país, o Rio de Janeiro é o estado que se destaca quanto à existência de jornais dirigidos ao público feminino, propalando discursos de todas as cores ideológicas, e quase todas essas folhas aceitavam e mesmo demandavam a colaboração de mulheres. A primeira desse tipo é atribuída ao editor Pierre Plancher, em 1827. É de se destacar a existência de jornais voltados à defesa dos direitos da mulher (escolarização e voto, por exemplo) e pró-abolição da escravatura, embora grande parte deles servisse para reafirmar a mulher como “rainha do lar”, apenas com um verniz de cultura. Em seguida, o estado que se destaca é Pernambuco, seguido de longe por São Paulo, Bahia e Minas Gerais. Muito embora as capitais dos estados fossem campo mais fértil para a fundação e a sobrevivência desses periódicos, é de se notar que vários deles surgiram em cidades interioranas.

Minas Gerais é um caso à parte. Das treze folhas dirigidas ao público feminino aí existentes no século XIX e encontradas por Duarte (2016), duas eram de São João del-Rei, duas da cidade de Oliveira, além de outras em Viçosa, Mar de Espanha, Rio Branco, Juiz de Fora, Jaguari e uma, pioneira, em Campanha da Princesa de Beira. A atual capital do estado, Belo Horizonte, ainda estava por ser fundada em 1897, portanto é de se esperar que iniciativas editoriais existissem em cidades muito mais antigas.

Dos jornais dirigidos por mulheres em todo o século XIX, encontramos trinta e seis (dos cento e quarenta e três reunidos por Duarte, isto é, 25%), em várias partes do país, embora nem sempre divulgadores de questões feministas. Mesmo as mulheres podiam (e podem) fundar periódicos dedicados a temas moralizantes, conservadores e reacionários, como de fato ocorria. Vejamos no quadro 1 as folhas apontadas como dirigidas por mulheres, no século XIX (as marcações em cor azul são as especificamente mineiras):

Quadro 1. Jornais dirigidos por mulheres ou coletivos femininos no Brasil, séc XIX.

TÍTULO	EDITORA(S)	CIDADE/ ESTADO	ANO
<i>A verdadeira mãe do Simplício ou A infeliz viúva peregrina</i>	D. Fortunata Eugênia de Mello	Rio de Janeiro	1831
<i>A mulher do Simplício ou A fluminense exaltada</i>	Dúvidas sobre uma possível direção feminina (Francisco de Paula Brito?)	Rio de Janeiro	1831
<i>Belona irada contra os sectarios de Momo</i>	Maria Josefa Barreto	Porto Alegre	1833
<i>Idade D'ouro</i>	Maria Josefa Barreto e Manuel dos Passos Figueroa	Porto Alegre	1833
<i>A mineira no Rio de Janeiro</i>	Sem identificação	Rio de Janeiro	1833
<i>A filha do Timandro ou A brasileira patriota</i>	Talvez uma mulher	Rio de Janeiro	1849
<i>O jornal das senhoras</i>	Joana de Paula Manso de Noronha	Rio de Janeiro	1852
<i>Bello sexo</i>	Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar	Rio de Janeiro	1862
<i>Almanach das senhoras</i>	Guiomar Torrezão e (?)Feslimina(?) Torrezão	Lisboa	1871 (durou 56 anos)
<i>O sexo feminino</i>	Francisca Senhorinha da Motta Diniz	Campanha da Princesa da Beira	1873
<i>O domingo</i>	Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco	Rio de Janeiro	1873
<i>A mulher</i>	Mulheres sem identificação	Recife	1875
<i>O myosotis</i>	Maria Heráclita de Azevedo	Recife	1875
<i>Violeta</i>	Julieta de Mello Monteiro	Rio Grande, RS	1878
<i>Echo das damas</i>	Amélia Carolina da Silva Couto	Rio de Janeiro	1879
<i>Republica das moças</i>	“Grupo de jovens contrárias ao regime monárquico”	Rio de Janeiro	1879

<i>A tulipa</i>	“Senhoras baianas”	Salvador	1879
<i>Primavera</i>	Francisca Senhorinha da Motta Diniz	Rio de Janeiro	1880
<i>A mulher</i>	Estudantes que residiam em Nova York: Maria Augusta Generosa Estrella e Josepha Agueda Felisbela Marcedes de Oliveira	Nova York (circulando no Brasil)	1881
<i>Revista das senhoras</i>	Maria Cândida Rodrigues da Silva e Francelina A. Motta	Cachoeira, BA	1881
<i>Chrysalida</i>	“Redação de meninas” com pseudônimos como Dina, Dijanira, Dídia, Diana, Dolores e Fabíola	Caxias, MA	1883
<i>O corymbo (o mais longo dirigido por mulher)</i>	Revocata Heloísa de Mello e Julieta de Mello Monteiro (irmãs)	Rio Grande, RS	1884
<i>Voz da verdade</i>	Francisca Senhorinha da Motta Diniz	Rio de Janeiro	1885
<i>Ave libertas</i>	Grupo de senhoras da Sociedade Ave Libertas	Recife	1885
<i>Revista alagoana</i>	Maria Lúcia de Almeida Romariz e Rita de Mendonça Barros	Maceió	1887
<i>A violeta</i>	Provavelmente de mulheres	São Paulo	1887
<i>A família</i>	Josephina Álvares de Azevedo	São Paulo	1888
<i>Orvalho</i>	Alunas da Escola Normal: Luiza Amélia de Paula Rodrigues e Ana Lectícia de Frota Pessoa	Fortaleza	1888
<i>Almanach litterario alagoano das senhoras</i>	Maria Lucia de Almeida Romariz (Maria Lúcia Duarte)	Maceió	1888
<i>O quinze de novembro do sexo feminino</i>	Francisca Senhorinha da Motta Diniz	Rio de Janeiro	1889
<i>A rosa</i>	Pórcia Constância de Mello	Recife	1890
<i>A bonina</i>	Constança A. Garcia	Oliveira, MG	1891
<i>A mensageira</i>	Presciliana Duarte	São Paulo	1897
<i>Escrinio</i>	Andradina América de Andrade e Oliveira	Bagé, Santa Maria e Porto Alegre	1898
<i>Album das meninas</i>	Anália Franco Albuquerque	São Paulo	1898
<i>O anjo do lar</i>	Esmeralda Cervantes, Luisa de Araújo, Cassilda Martins e Laulino de Brito	Belém	1898

FONTE: Elaboração nossa com base em Duarte (2016).

Dos jornais *dirigidos por* mulheres e *às* mulheres que elencamos no quadro 1, apenas dois foram fundados em Minas Gerais, um deles combativo e feminista (*O sexo feminino*) e o outro conservador (*A bonina*). A editora de *O sexo feminino*, Francisca Senhorinha da Motta Diniz, criou e dirigiu outros três jornais, como se vê no quadro, no entanto já instalada na cidade do Rio de Janeiro, onde obteve ainda mais sucesso e exerceu influência.

É importante considerar que o levantamento de Duarte (2016) abrangeu o século XIX e,

além disso, as folhas que se dirigiam a um público leitor feminino, àquela altura bastante escasso, o que era sabido e acabava por ser justamente tema de diversos pleitos e pautas nesses jornais. Embora não seja provável, é possível que mulheres tenham fundado e dirigido jornais menos circunscritos, por exemplo, jornais que não se declaravam voltados ao público feminino.

Outros elementos que dificultam alguma precisão nos dados, tornando nosso cenário um pouco mais borrado, é o fato de alguns jornais não trazerem os nomes de suas ou seus responsáveis (Duarte aponta, em alguns, vestígios de direções femininas) e o emprego amplo de pseudônimos, mesmo entre escritoras/es, algo enfaticamente combatido, por exemplo, no jornal *Bello sexo*, de Júlia Aguiar, em 1862, que publicava apenas textos assinados e advogava por isso.

Também é de se pensar sobre o que devemos considerar como a cidade de fundação de um jornal, mas, aqui, consideramos seu primeiro endereço. Há situações outras, como a da folha *Escrinio*, de Andradina Oliveira, que circulou em três cidades do Rio Grande do Sul; ou o caso de jornais fundados no exterior, mas que circulavam no Brasil e em português; ou o caso de fundadoras mineiras ou recifenses que, ao se deslocarem para o Rio de Janeiro, passaram a atuar de lá, onde encontravam, geralmente, mais condições de sucesso e influência. As redes intelectuais eram também visíveis nesses jornais, uma vez que eles circulavam fora de suas cidades natais, às vezes indo muito longe, e publicavam escritores e escritoras de várias partes do país e do mundo. Muitas vezes, podemos encontrar os mesmos nomes de autores e autoras publicados/as em folhas diversas, alguns/mas dos quais tornaram-se conhecidos/as.

A mineira Francisca Senhorinha da Motta Diniz, fundadora de quatro folhas dirigidas ao público feminino e defensora da educação para as mulheres, escrevia, no editorial de um de seus jornais (*O sexo feminino*): “A riqueza intelectual produzirá o dinheiro, e com este se satisfarão as necessidades” (editorial, ano 1, n. 1, 7 set. 1873, p. 1). E com essa consciência, certamente influenciou muitas colegas e leitoras, ao longo do tempo, vez que persistiu na edição de jornais, por muitos anos.

A coletânea de Constância Lima Duarte (2016) se encerra em 1899 e deixa a promessa de um dicionário para o século XX. Enquanto um novo volume não vem, passamos à investigação de Ribeiro e Gonçalves (2019), certamente mais limitada, baseada em repositórios, acervos e arquivos físicos e digitais, tanto quanto a de Duarte. Mas agora vamos em busca de jornais e revistas de cunho especificamente literário, circunscritos a Minas Gerais, no século XX. Neles procuraremos a atuação de mulheres fundadoras e diretoras, atuantes editoras, nesses espaços ainda predominantemente masculinos, tal como se viu no século XIX. Em Ribeiro e Gonçalves (2019), faz-se o seguinte levantamento sobre a *participação* de mulheres (não necessariamente como editoras – a marcação em azul destaca a direção por mulheres):

Quadro 2. Resumo das revistas mineiras ao longo do séc. XX e a participação feminina.

Década de 1920			
<i>Klaxon</i> (SP)*	1922	9 números	Colaboração da artista plástica mineira Zina Aita, além de Anitta Malfatti, Tarsila do Amaral e Guiomar Novaes.
<i>A revista</i> (BH)	1925-1926	3 números	Sem participação feminina
<i>Verde</i> (Cataguases)	1927-1928	6 números	Colaboração das artistas plásticas argentinas Maria Clementina e Norah Borges
<i>leite crioulo</i> (BH)	1929	19 números	Foi suplemento do jornal <i>Estado de Minas</i> . Colaboração de Eneida (Pará), Thereza Marchetti, Carmem Corrêa de Mello e Mieta Santiago
<i>Montanha</i> (Ubã)	192-		Sem mais informações
<i>Electrica</i> (Itanhandu)	1927-1929	10 números	Sem mais informações
Década de 1930			
<i>Grifo</i> (BH)	1937-1944	7 números	Sem mais informações
<i>Tentativa</i> (BH)	1939	6 números	Sem mais informações
Década de 1940			
<i>Mensagem</i> (BH)	194-		Sem mais informações
<i>Edifício</i> (BH)	1946	4 números	Colaboração (n. 2) de Henriqueta Lisboa com poemas e depoimento, e de depoimentos de Vanessa Netto e Lucy Teixeira (Maranhão)
<i>Nenhum</i> (BH)	1947	1 número	Colaboração de Henriqueta Lisboa, Lucia Machado de Almeida e Zuleica Mello
<i>Meia-pataca</i> (Cataguases)	1948-1949	2 números	Considera-se a primeira diretora de uma revista literária: a poeta Lina Tâmega Peixoto
<i>Acaíaca</i> (BH)	1948-1960		Sem mais informações
Década de 1950			
<i>Vocação</i> (BH)	1951	3 números	Direção de Vera Castro (com Affonso Ávila e Fábio Lucas). Colaboração de Dinah Silveira de Queiroz, Henriqueta Lisboa e Laís Corrêa de Araújo
<i>Complemento</i> (BH)	1956-1958	4 números	Publicação de poema de Mônica Lisboa e depoimento de Teresinha Alves Pereira. São listadas duas mulheres como representantes da revista em outros estados: Sara Melo (SP) e Cléa Couto Moreira (Salvador)

<i>Tendência</i> (BH)	1957-1962	4 números	Dois ensaios de Maria Luiza Ramos e um texto opinativo de Laís Corrêa de Araújo
<i>Invenção</i> (SP)*	1962-1967	5 números	Colaboração da mineira Maria do Carmo Ferreira no último número.

* A inclusão de algumas revistas paulistas dá-se para que possamos apontar a também quase ausência de participação feminina lá ou a colaboração rara de alguma artista mineira.

FONTE: Ribeiro e Gonçalves (2019).

Além disso, concluem os autores:

Os únicos exemplos levantados de revistas literárias mineiras codirigidas e cofundadas por mulheres – *Meia-Pataca* e *Vocação* – configuram exceções que, embora legitimamente honrosas, devido ao enorme desequilíbrio entre representação feminina e masculina no meio literário em que se inserem, acabam por ressaltar a nada honrosa desigualdade que já vinha permeando esse meio – sabemos – muito tempo antes do período contemplado no recorte temporal aqui adotado. (RIBEIRO; GONÇALVES, 2019, p. 128)

Diante desse resultado, infelizmente esperado, sobre a participação das mulheres como editoras de periódicos literários, pode-se considerar a poeta Lina Tâmega Peixoto como uma pioneira nesse tipo de incursão. É dela, então, que passaremos a tratar.

UMA JOVEM EDITORA

Lina Tâmega Peixoto (Del Peloso, nome de casada) nasceu em Cataguases, Minas Gerais, em 5 de junho de 1931 e faleceu em 1º de setembro de 2020, enquanto este texto era apreciado pelo conselho editorial de *Letras em Revista*. Assim como outras mulheres que se aventuram no campo literário e editorial, Lina é mais abordada como escritora e professora, em sua breve fortuna crítica. Sua faceta editora, no entanto, é notável, na medida em que é rara, ainda, em meados do século XX, no Brasil. Trata-se de uma das poucas mulheres creditadas, inequivocamente, como fundadora e editora de uma revista literária histórica, nos anos 1940, em Minas Gerais, a *Meia-Pataca*. O periódico teve apenas dois números, sendo o primeiro em 1948 e o segundo em 1949, histórico comum a muitos periódicos, mesmo os não literários. Na altura do primeiro lançamento, Lina contava apenas 17 anos, era estudante e teve o estímulo de amigos e professores, além da herança familiar e social, para a consecução do empreendimento.

Cataguases é uma cidade interiorana em Minas Gerais e conhecida por uma tradição literária que gosta de cultivar. Entre seus movimentos mais relevantes está o Verde³, nos anos 1920, simultâneo a outros movimentos modernistas brasileiros – mais conhecidos – e que ocorria

³Desse movimento em Cataguases decorre a Revista *Verde*, que “marca o início da carreira literária dos jovens integrantes do grupo homônimo, dentre os quais Henrique de Resende, Martins Mendes, Rosário Fusco e Guilhermino Cesar, que financiavam a edição da revista com a ajuda de alguns anunciantes e marchands externos, notadamente Mário de Andrade. Contou com seis números, lançados entre 1927 e 1928, e em suas páginas foram publicados trabalhos de apenas duas mulheres, ambas artistas visuais argentinas: Maria Clemencia e Norah Borges”. (RIBEIRO; GONÇALVES, 2019, p. 120)

dentro das redes intelectuais possíveis no país, naquele momento. É importante ter em conta que, com as tecnologias de cada época, a troca de informações e mesmo de influências entre escritores/as, editores/as e críticos/as⁴ foi sempre ponto fundamental para a circulação (ou não) e mesmo a legitimação de autores/as e obras. Lina Tâmega Peixoto pertencia a uma família influente na região⁵ e conhecia escritores, entre eles Marques Rebelo⁶, com quem mantinha intenso diálogo, inclusive sobre a revista *Meia-Pataca* e os livros que haveria de publicar, mais adiante (conforme se verifica em Branco; Fritz; Júnior, 2007).

Figura 1. Capas dos dois números da revista *Meia-Pataca*, editada principalmente por Lina Tâmega Peixoto, 1942-1943. (22 cm de largura).



FONTE: Fac-símiles do blog de Joaquim Branco, poeta de Cataguases, participante do grupo literário Totem, um dos estudiosos da revista *Meia-Pataca*. Disponível em: <<http://joaquimbranco.blogspot.com/2007/07/revista-meia-pataca.html>>. Acesso em: 4 jun. 2020.

Em um dos canais da internet em que se fala sobre Lina, é possível encontrar apreciações sobre sua produção acadêmica (professora do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, entre outras funções públicas que exerceu na novíssima Capital Federal), assim como um tratamento respeitoso e deferente em relação a sua atuação como escritora: “verdadeira dama da literatura nacional”, “consagrada e elogiada por importantes nomes da nossa literatura”, como Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles (ALMEIDA, 2018), “prima donna da poesia cataguasense” (RIBEIRO FILHO, 2015). No mesmo texto, Lina Tâmega Peixoto é “intensamente poeta e destacada crítica literária”, daí mencionando-se a fundação, com Francisco Marcelo Cabral, Luciano Peixoto Garcia

⁴ Fizemos questão da inclusão dos femininos, mas sabemos que, nesta altura, as mulheres participavam em muito menor número.

⁵ Interessante que Lina Tâmega Peixoto nos confessasse, por e-mail, não ter tido qualquer dificuldade em criar e dirigir a revista *Meia-Pataca*, nas Minas Gerais dos anos 1940. Era uma moça de um círculo influente da cidade, além da herança literária abertamente inspirada na *Verde*. Diz ela, por e-mail, em 3 de maio de 2020: “não tive a mínima dificuldade ou entrave em fazer a revista. Cataguases era e é uma cidade com um lastro cultural muito espesso. Soma-se a isto eu pertencer a uma família que, na época, tinha relevo social, financeiro e cultural. Pelo que está documentado, fiz a revista praticamente sozinha, e até ia à tipografia para ajudar a composição”. Séverine Sofio (2018) aponta, ironicamente, alguns elementos que aumentam as chances de uma mulher ser artista de sucesso, no séc. XIX, no que coincide com o que diz a escritora cataguasense.

⁶ Pseudônimo literário do escritor brasileiro Eddy Dias da Cruz (Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1907) — Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1873), autor de extensa obra, tendo publicado em prosa e verso, para adultos e crianças. Em 1964, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

e Francisco Inácio Peixoto Filho, da revista *Meia-Pataca*, em Cataguases, Minas Gerais, entre os anos de 1948 (17 de junho) e 1949. Lina Tâmega Peixoto é apontada ainda como pesquisadora, poeta participante de antologias, fundadora da Associação Nacional de Escritores (ANE) e membro da Academia de Letras do Brasil e do PEN Clube do Brasil. Bem mais tarde, já em Brasília, fundou a revista *Solombra*, publicação da Supervisão de Português do Distrito Federal.

Werneck (2019) lembra a trajetória literária da autora, começando pela revista *Meia-Pataca* e passando por livros de poesia, publicados a intervalos irregulares, desde 1953⁷. Em plena atividade como escritora, Lina Tâmega Peixoto angaria o respeito de seus conterrâneos, marcada, positivamente, pela fundação da revista *Meia-Pataca*, embora este aspecto de sua vida editorial nem sempre seja lembrado como um traço pioneiro de sua atuação no Brasil, numa linha de tempo alargada. Trata-se, hoje, juntamente com o Movimento Verde, de um capítulo expressivo da história literária mineira, por extensão, brasileira.

Meia-Pataca foi uma revista literária⁸ lançada nos anos de 1948 e 1949 (pós-Segunda Guerra Mundial, pós-Getúlio Vargas, antes da fundação de Brasília, etc.), criada pelos quatro jovens estudantes aqui mencionados, produzida em tipografia na própria cidade⁹, com apenas dois números, financiada por comerciantes locais (via anúncios) e tiragens respectivas de 500 e 250 exemplares, distribuída gratuitamente. Circulou em Cataguases e região, mas foi também enviada e escritores/as de outros estados, com o apoio de artistas mais experientes, tais como Marques Rebelo e Rosário Fusco. Com esse tipo de apoio, os editores e a editora de *Meia-Pataca* conseguiram importantes colaborações na revista, incluindo uma capa de Santa Rosa e textos de Manuel Bandeira e Cecília Meireles, além de poesia e prosa dos próprios fundadores.

De fato, segundo depoimentos constantes em Branco; Fritiz; Júnior (2007) e nas informações dadas pela própria Lina Tâmega Peixoto, por e-mail, em maio de 2020, a editora efetiva de *Meia-Pataca* era ela, sempre auxiliada, a distância, por Marques Rebelo, que enviava por carta recomendações sobre tipografia, projeto gráfico e outros elementos da composição material do periódico. *Meia-Pataca* foi financiada por comerciantes locais, tendo se encerrado no segundo número devido à dificuldade de mantê-la. Em carta, o escritor Alphonsus de Guimaraens Júnior chega a reprovar uma periodicidade muito larga, que depunha contra a revista, mas contra a qual

⁷ São de Lina Tâmega Peixoto os livros: *Algum dia* (Rio de Janeiro, Hipocampo Editora, 1953), tratava-se da editora artesanal de Thiago de Melo e Geir Campos, em segunda fase; foi uma editora considerada marcante na história das artes gráficas nacionais, e foi uma indicação do escritor Marques Rebelo; *Entretempo* (Rio de Janeiro, Record/INL, 1983), portanto três décadas depois do primeiro livro, também indicação de redes intelectuais no Rio de Janeiro; *Dialeto do corpo* (2005); *Água polida* (Rio de Janeiro: Galo Branco, 2007); *50 poemas escolhidos pelo autor* (Rio de Janeiro: Galo Branco, 2008); *Prefácio de vida* (Rio de Janeiro: Editora da Palavra, 2010); *Os bichos da vó* (Rio de Janeiro: Editora da Palavra, 2010, infantil); *Entre desertos* (Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2014); e *Alinhavos do tempo* (Brasília: Tagore Editora, 2018). *Dialeto do corpo*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2005.

⁸ O nome diz respeito a um curso de água que passa próximo a Cataguases e tem esse nome porque, reza a lenda, em momentos históricos anteriores, meia pataca de ouro teria sido encontrada ali, e nada mais.

⁹ Tratava-se da Tipografia Ribeiro e, segundo documentos em Branco; Fritiz; Júnior (2007), o tipógrafo que auxiliava a jovem editora atendia pelo nome de Napoleão. Mais tarde, essa tipografia tornou-se Monteiro. Não sabemos se ainda existe, mas é improvável, pois tipografias nesses moldes estão em extinção em todo o país. Há um movimento de revalorização e ressignificação delas, em algumas capitais e em projetos de preservação de acervos da cultura gráfica. Dois exemplos de editoras “independentes” que têm publicado livros em tipografia são a Tipografia do Zé, em Belo Horizonte (com projetos de Flávio Vignoli, entre outros), e a Quelônio, em São Paulo, com a tipógrafa Sílvia Nastari. Há tipografias conservadas e mesmo em funcionamento nas Universidades Federais de Goiás e de Minas Gerais.

os jovens poetas não podiam lutar. Era também a opinião de Rosário Fusco (BRANCO; FRITIZ; JÚNIOR, 2007). Vencer os três números era definidor de uma vida longa, algo que *Meia-Pataca* não alcançou. No entanto, ainda que tenha tido vida breve, teve o que hoje chamariam de “impacto”, dado que está narrada até hoje como um marco dos movimentos literários mineiros e brasileiros.

Segundo Lina Tâmega Peixoto, em entrevista a Joaquim Branco (BRANCO; FRITIZ; JÚNIOR, 2007), além de o texto de apresentação da *Meia-Pataca* ter sido escrito por ela, muitos outros cuidados demandavam sua atenção direta. Francisco Inácio Peixoto, Rosário Fusco e Marques Rebelo, como escritores amigos e incentivadores, “aparavam as arestas”, mas o trabalho editorial de Lina tornava a revista uma realização. Era seu desejo obter o melhor possível, entre colaboradores/as e materiais, dando forma a um desejo de publicação e mesmo de “projeção” da cidade de Cataguases no cenário literário nacional. Vejamos dois trechos de sua entrevista a Joaquim Branco que ajudam a visualizar o trabalho editorial que a jovem escritora-editora teve de empreender para que *Meia-Pataca* existisse:

Porque primeiro era feita artesanalmente. Era uma coisa que “a gente ia” para a tipografia eu ajudava até a colocar os tipos lá naquela reguinha. Eu não sabia paginar. Na hora de paginar fazia-se um buraco de repente na página. Lá vinha o Napoleão: - Lina, tem buraco aqui, o que se faz? E eu fazia uma notinha depressa para enfiar lá dentro daquele buraco. Era uma coisa de uma agonia que você não imagina, a agonia que era para se fazer a revista. (Lina Tâmega Peixoto em BRANCO; FRITIZ; JÚNIOR, 2007, p. 12)

Na tipografia Ribeiro (hoje Monteiro). O Napoleão era muito atencioso. Havia também o problema do financiar esta revista. Eu não queria que fosse utilizado qualquer papel, eu queria papel cuchê e outras coisas. Para mandar fazer em linotipo tinha que se mandar para o Rio de Janeiro. Era tudo difícil, tudo caro, complicado e havia ainda o problema do prazo. (Lina Tâmega Peixoto em BRANCO; FRITIZ; JÚNIOR, 2007, p. 12)

Da ideia ao gesto tipográfico, da curadoria entre as colaborações à distribuição, a jovem Lina Tâmega Peixoto preocupava-se com tudo, sem a experiência editorial profissional, tal como ocorre, ainda hoje, a muitos e muitas fundadores de pequenos selos editoriais. A agência e o gesto de edição têm sua continuidade no efeito que a existência de um periódico ou de uma editora pode causar. A falta de experiência de Lina não a impedia de dar à luz *Meia-Pataca*, embora os custos, processos e circulação fossem muito difíceis, conforme ela mesma admite. Em proporções desiguais, coragem e vontade impulsionavam o gesto agente e performativo de publicar uma revista, num contexto de fundação de tantas outras revistas, país adentro. “Então havia essa dificuldade de acesso em nossa época e a falta de experiência também (eu não tinha nenhuma). Para fazer o segundo número de *Meia-Pataca* eu fiz mesmo porque eu quis fazer, pois financeiramente ninguém mais queria dar dinheiro” (Lina Tâmega Peixoto em BRANCO; FRITIZ; JÚNIOR, 2007, p. 12). Segundo a escritora-editora, a repercussão decorrente dos números do periódico literário era pouca ou nula, ainda que as postagens pelos Correios o fizessem alcançar várias partes do país e

escritores/as de referência. Assim Lina relembra a chegada de um primeiro exemplar às suas mãos:

(...) um dia que eu cheguei à noite eu fiquei lá até sete da noite na tipografia do Napoleão e o primeiro exemplar ficou pronto e eu levei para casa que eu contemplava aquilo, achava aquilo, ah! Que filhinho maravilhoso que estava aquilo! Uma alegria, mas era uma coisa mesmo de juventude, sabe, como eu falei pra você. Um grito de adolescência. (Lina Tâmega Peixoto em BRANCO; FRITIZ; JÚNIOR, 2007, p. 14)

De uma cidade interiorana de Minas Gerais, sem recursos financeiros e tocada por uma jovem aspirante a escritora, *Meia-Pataca* tornou-se, como queria Lina, um episódio inescapável da história literária mineira (e brasileira), mesmo tendo apenas dois números. Apadrinhada por escritores conhecidos de várias partes do país, a revista gozou de algum prestígio, ainda que por empréstimos de autores mais experientes, que auxiliavam a juventude cataguasense, inspirada em movimentos e revistas literários anteriores.

Segundo Lina, quanto à produção editorial: “não tínhamos ninguém para nos ajudar. Mas foi uma experiência válida. Pena que não havia mais dinheiro, que as pessoas também não estavam entusiasmadas em fazer a revista. Eu estava até entusiasmada a fazer mais de uma, mas sozinha também ficou muito difícil” (Lina Tâmega Peixoto em BRANCO; FRITIZ; JÚNIOR, 2007, p. 19-20). Em sua batalha em um pequeno grupo, a poeta-editora tomava todas as providências e alçou, dali, seus voos em direção aos livros da vida adulta, como confirma sua bibliografia. Entre as atividades de editora de periódico, ela descreve: “Eu escolhia até os tipos dos artigos e também os tipos das notas que eram diferentes. Tinha que fazer isso tudo. Aquelas bolinhas que tinham ali eu imaginei: Vamos colocar umas bolinhas aqui para chamar a atenção das coisas” (Lina Tâmega Peixoto em BRANCO; FRITIZ; JÚNIOR, 2007, p. 19). Nesse sentido, mesmo tão jovem e aprendendo na lida, a poeta Lina Tâmega Peixoto pode ser narrada como uma das mulheres pioneiras no Brasil, em relação a periódicos literários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, sob um filtro espacial, literário e de gênero, tratamos de desenhar um mapa geral dos periódicos literários mineiros de dois séculos subsequentes, com base em levantamentos anteriores. Nessa busca, passamos à identificação das mulheres creditadas como editoras e fundadoras de periódicos, destacando a escritora cataguasense Lina Tâmega Peixoto como uma das pioneiras no século XX e na história do país, já que lançou e editou a revista *Meia-Pataca*, publicação importante na historiografia dos movimentos literários nacionais.

No decorrer de sua vida, Lina levou adiante a atividade de escritora, tendo lançado livros de poesia até recentemente. Atuou também como professora universitária e mesmo eventualmente como editora, em outros momentos e situações de sua vida profissional. Embora a revista *Meia-Pataca* seja um periódico literário de apenas dois números, lançando nos anos 1940, é indiscutível a

propulsão dada a ele pela jovem poeta. Embora não tenha, a rigor, seguido a carreira de editora pelo século XX afora, Lina Tâmega Peixoto exerceu com paixão as atividades editoriais que trouxeram à luz uma revista de grande impacto para a historiografia literária mineira (e brasileira, por extensão). Tratou-se de uma experiência marcante, narrada até os dias de hoje. Faltava apenas destacar o fato que de uma jovem aspirante a escritora fosse, na verdade, a idealizadora e realizadora à frente, literalmente, desta produção editorial periódica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alexandra Vieira. Lina Tâmega Peixoto: uma grande escritora da literatura brasileira. *Campo Grande News*, nov. 2018. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/artigos/lina-tamega-peixoto-uma-grande-escritora-da-literatura-brasileira>>. Acesso em: 22 maio 2020.

BRANCO, Joaquim; FRITZ, Felipe; JÚNIOR, Roberto. *Meia-Pataca*. uma revista de literatura em Cataguases (1948-49). Cataguases, MG: Edific (Edições das Faculdades Integradas de Cataguases), 2007.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*. Século XIX. Dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

RIBEIRO FILHO, Joaquim Branco. Literatura de Cataguases. *Meia-Pataca*. *Joaquim Branco*, maio 2015. Disponível em: <<http://joaquimbranco.blogspot.com/2015/05/literatura-de-cataguases-meia-pataca.html>>. Acesso em: 4 maio 2020.

RIBEIRO, Ana Elisa; GONÇALVES, Mário Ribeiro. Mulheres em revistas literárias mineiras: do modernismo às neovanguardas. *Revista Graphos*, UFPB, v. 21, n. 2, p. 111-131, 2019. Disponível em: <47795-Texto do artigo-127964-1-10-20200111.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2020.

SOFIO, Séverine. Como ter sucesso nas artes sem ser um homem? Manual para artistas mulheres do século XIX. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 71, p. 28-50, dez. 2018.

WERNECK, Ronaldo. Lina Tâmega Peixoto: delicadas cambalhotas. *Há controvérsias*. 10 abr. 2019. Disponível em: <<http://ronaldowerneck.blogspot.com/2019/04/lina-tamega-peixoto-delicadas.html>>. Acesso em: 24 maio 2020.

Ana Elisa Ribeiro

Professora Titular e pesquisadora do Departamento de Linguagem e Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), onde atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, no bacharelado em Letras (Edição) e no ensino médio. Doutora e mestre em estudos linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do grupo de pesquisa Mulheres na Edição, com o apoio da Fapemig. É autora, entre outros, de *O ar de uma teimosia - Trilhas da publicação em Clarice Lispector*, Lúcia Machado de Almeida e Henriqueta Lisboa (RJ: Macabéa, 2020) e de *Subnarradas: mulheres que editam* (Copenhague: Zazie Edições, 2020).

Recebido em 01/08/2020.

Aceito em 10/10/2020.